



## «Mergulho» - Rui Horta Pereira

7 Junho / 28 Julho 2018

Galeria das Salgadeiras

Dizia Fernão Mendes Pinto, numa das suas cartas incluídas em "Peregrinação", quando contava ao Reitor do Colégio de Goa as aventuras dos portugueses pelas terras do Japão, "pois que para escrever tudo era necessário que o mar fosse tinta e o céu papel". Perdoemos-lhe alguma efabulação excessiva e, quiçá, pouco própria do rigor da História, e centremo-nos, porém, na metáfora e no simbolismo destas palavras que assumem uma outra leitura quando contextualizadas nesta exposição de Rui Horta Pereira. A "Peregrinação" esteve durante séculos reduzido ao esquecimento e a abordagem do cronista foi por demasiado tempo desacreditada. Quem não se lembra do "Fernão, Mentas? Minto!". Porém, entenda-se que a referência aqui feita à "Peregrinação" circunscreve-se ao seu contexto autoral e subjectivo, e não ao seu valor histórico. Interessou-me, para a leitura deste "Mergulho" de Rui Horta Pereira, as estórias, ao invés da História, a coragem e o carácter destemido da aventura e de como mergulhamos no desconhecido para o revelarmos ao mundo e lhe darmos outra existência. Alvíssaras pelas ilhas agora conhecidas.

Há um lado documental nos desenhos que Rui Horta Pereira apresenta nesta exposição, sedimentos de aventuras, de descobertas, de revelações. São "documentos que sobrevivem ao arrasto", à acumulação de água e pigmento, à absorção e à evaporação, onde se aceita o imprevisível e se desafia a gravidade, revelando-se assim, nas séries "Mata-borrão" e "Mergulho", outras ilhas, feitas de tinta e não de terra, cercadas pelo céu e não por mar. O arrastamento que Rui Horta Pereira refere deve também ser entendido no seu sentido figurativo, como um processo que tarda, que leva tempo, como sucede nas peças tri-dimensionais da série "Poço". Pela agregação sucessiva de tiras de papel, sobras, restos, finalizadas com um apontamento cromático, surgem, por composição, estruturas que reflectem sobre a formalização objectual do desenho. Podiam também ser ilhas que, na vertical ou na horizontal, nos proporcionam essa "gravidade poética" subjacente à exposição. Linhas, formas, cor, papel, a superfície de excelência, ainda que não exclusiva, para o desenho, e que em "Mergulho" nos convidam para outras interpretações e explorações do Desenho enquanto prática e técnica artísticas.

Inspiremos, contenhamos a respiração para mergulhar nas águas e por momentos a sensação de leveza apodera-se. Vindo à superfície, atravessamos um qualquer espaço ou lugar. As ilhas, essas, só até agora foram desconhecidas.

Ana Matos

Lisboa, Junho de 2018

## «Diving» - Rui Horta Pereira

7 June / 28 July 2018

Galeria das Salgadeiras

Fernão Mendes Pinto once said, in one of the letters in "Peregrinação" (Pilgrimage), when he was telling the Dean of Goa's College about the Portuguese adventures in Japan, that "in order to write it all one would need that the sea were ink, and the sky, paper". One must forgive some of the writer's excesses, unfit for the accuracy of History, and focus on the symbolic and metaphoric meaning of the words and the reading they excite when in context with this exhibition by Rui Horta Pereira. Pilgrimage was for centuries cast down nearly to oblivion, and the chronicler's approach discredited for too long. After all, who doesn't remember [the word play] "Fernão Mentos? Minto!?"\* Nevertheless, the reference to Pilgrimage here merely evokes its author and his subjective views, not its historical worth. It is the stories, and not History, what matters for the interpretation of Horta Pereira's Mergulho (Diving): the courage and braveness leading to the adventure, of how we dived into the unknown, revealing it then to the world, giving it a second existence. Good news for the islands that we know today! There is a document dimension in the drawings Rui Horta Pereira is presenting in this exhibition: deposits of adventure, discovery, revelation. "Documents that resist the trawl nets", the building up of water and pigmentation, absorption and evaporation, embracing the unpredictable and defying gravity. Likewise, in the series "Mata-borrão" and "Mergulho", other islands are revealed, made of ink instead of earth, surrounded by sky instead of sea. This trawling Rui Horta Pereira refers to must also be understood figuratively, as a belated process, one that take its time, as in the tri-dimensional works in the "Poço" series. From the composition, the consecutive addition of paper strips, leftovers and scraps, finished with a chromatic touch, we get structures that reflect on the drawing being formalized as an object. These could also be islands which, either horizontally or vertically, allow us to feel the "poetic gravity" underlying the exhibition. Lines, shapes, colour, paper, the prime support, yet not the exclusive, for drawing, that in "Mergulho" entice us onto other interpretations and experiences of Drawing as both practice and technique. Breath in and hold your breath to dive into these waters, allowing a feeling of lightness to take you over. Returning to the surface, you have just crossed some sort of space, or place. The islands have only been unknown until now.

Ana Matos

Lisboa, June 2018

